



Optimista ou pessimista!

Portugal tem feito um esforço para reduzir o défice orçamental e a dívida pública, e para continuar no bom caminho não pode haver redução de impostos, apesar do descontentamento da maioria dos portugueses.

SORAIA SABINO
Jurista da CTOC



A maioria dos portugueses, cerca de 88 por cento, considera que a situação económica do País não é a mais favorável, contra 10 por cento que dizem ser "muito boa" e "boa", de acordo com os dados apurados pelo Eurobarómetro divulgado em Bruxelas.

Segundo a opinião pública na União Europeia (UE), Portugal está no fundo da tabela de satisfação dos cidadãos com o estado económico, empatado com a Bulgária e apenas ultrapassado pela Hungria, onde apenas nove por cento disseram estar satisfeitos com a economia.

Em comparação com dados apurados o ano passado pelo Eurobarómetro, a quantidade de portugueses insatisfeitos aumentou um ponto percentual.

O ministro das Finanças, Teixeira dos Santos, diz que Portugal está preparado para enfrentar a situação económica internacional, que a economia portuguesa está mais «robusta» e, por isso, não sofrerá dos mesmos «desequilíbrios económicos» que afectam os Estados Unidos.

Apesar da falta de confiança e descontentamento da maioria dos portugueses, Teixeira dos Santos afirma que a preparação de Portugal para enfrentar a crise económica é fruto das reformas estruturais feitas na economia e à vitalidade do sector privado, em

que as empresas portuguesas aumentaram e diversificaram os seus mercados de exportação, apostando, também, numa melhoria do seu desenvolvimento tecnológico, o que fortaleceu a economia. Portugal tem feito um esforço para reduzir o défice orçamental e a dívida pública, e para continuar no bom caminho não pode haver redução de impostos, apesar do descontentamento da maioria dos portugueses.

No entanto, apesar do optimismo do ministro das Finanças, a economia portuguesa continua a apresentar ritmos de crescimento económico e de criação de emprego insuficientes.

A proporção de jovens que conclui o ensino secundário e o ensino superior em Portugal tem vindo a aumentar mas a ritmos aquém do necessário para suprir o desfazamento de Portugal face aos países de comparação. Ou seja, a melhoria das competências da população activa portuguesa ainda é débil e pouco adequada ao desafio de inovação e competitividade.

Com base nas últimas actualizações feitas ao mercado de trabalho, verifica-se uma estabilização do emprego. No entanto, os Centros de Emprego dizem ter uma aceleração dos pedidos de emprego por parte dos desempregados, sendo as perspectivas por parte dos empresários negativas.

É preciso Portugal estabelecer uma estratégia para sair da crise, estabelecendo critérios de melhor organização, trabalhando melhor, com mais inteligência, com mais exigência e responsabilidade. Afinal, outros países que tiveram graves crises económicas também o fizeram: é o caso da Finlândia, da Irlanda, etc., países que conjugaram esforços estabelecendo pactos sociais fortes e mobilizadores das principais forças económicas, sociais e políticas.

Maioria dos portugueses diz que a economia será pior no próximo ano

A maioria dos portugueses inquiridos em Fevereiro pela Marktest entende que daqui a um ano a situação económica do país será ainda pior, revelando expectativas muito pessimistas quanto a esta questão.

Os residentes no Continente com mais de 18 anos mostram-se muito pessimistas relativamente à evolução da economia do País e do seu agregado familiar.

Embora pessimistas, os portugueses mostram um sentimento menos negativo relativamente à evolução da sua própria situação económica e familiar.

Jovens pessimistas

Os mais idosos mostram maior pessimismo relativamente à evolução da sua situação económica: 55,4 por cento acha que ela vai ser pior; 19,9 por cento acha que

vai ser igual e apenas 8,4% espera que ela seja melhor.

Em terreno negativo encontram-se, também os jovens entre os 18 e os 34 anos, mas mostram maior pessimismo quanto à evolução da sua situação económica pessoal e familiar.

Os outros sectores etários atingem um índice perto do optimismo.

A taxa de endividamento coloca as famílias portuguesas entre as mais endividadas do mundo desenvolvido. Não restam dúvidas de que ritmo de expansão do endividamento gerou um sentimento aparente de bem-estar económico, aliado à expansão das despesas públicas.

O país atravessa uma fase de grande vulnerabilidade e, embora se verifique uma redução do défice externo, existe uma desaceleração do crescimento económico e nada faz prever que sem uma grande alteração estrutural os elevados défices não regressem.

Por último, veja-se o aumento dos preços em geral. Não se pode querer obter lucro para as empresas à custa de sacrifícios para os portugueses que pagam quantias mais elevadas do que a média comunitária,

Um exemplo é o que se está a passar com o sucessivo aumento dos preços dos combustíveis. Não se podem maximizar os lucros das empresas à custa dos consumidores, devendo as entidades reguladoras colocar um travão no sucessivo aumento dos preços em geral, para "aliviar os bolsos" das famílias portuguesas.

Segundo a opinião pública na UE, Portugal está no fundo da tabela de satisfação dos cidadãos com o estado económico